



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**PAULA REGINA SOUTO SOARES**

**ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO:**  
um estudo bibliográfico

**NATAL**  
**2022**

PAULA REGINA SOUTO SOARES

**ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO:**  
um estudo bibliográfico

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Vechiato.

**NATAL**

**2022**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências Sociais Aplicadas - CCSA

Soares, Paula Regina Souto.

Atuação do Bibliotecário como Arquiteto da Informação: um estudo bibliográfico / Paula Regina Souto Soares. - 2022. 49f.: il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Curso de Biblioteconomia. Natal, RN, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luiz Vechiato.

1. Bibliotecário - Monografia. 2. Arquitetura da Informação - Monografia. 3. Arquiteto da Informação - Monografia. 4. Mercado de trabalho-Bibliotecário - Monografia. I. Vechiato, Fernando Luiz. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/Biblioteca CCSA

CDU 027:72

PAULA REGINA SOUTO SOARES

**ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO:**  
um estudo bibliográfico

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando Luiz Vechiato  
Departamento de Ciência da Informação  
Orientador (UFRN)

---

Profa. Dra. Luciana de Albuquerque Moreira  
Departamento de Ciência da Informação  
Examinadora interna (UFRN)

---

Prof. Me. Arthur Ferreira Campos  
Departamento de Ciência da Informação  
Examinador interno (UFRN)

## AGRADECIMENTOS

Muitos fatores e pessoas contribuíram para que eu chegasse a esse momento, alguns bons e outros nem tanto, mas todos foram essenciais para a minha formação (acadêmica e pessoal). Para alguns deles (os bons, é claro) seguem meus sinceros agradecimentos:

À minha família, principalmente minha mãe, que sempre fez o possível para que eu tivesse acesso à uma boa educação. E foi o que me permitiu chegar a esse momento e tenho certeza que irei mais longe ainda. Espero poder retribuir por tudo o que fizeram por mim.

À minha irmã – Viviane – que desde pequenininha é a pessoa mais amorosa desse mundo, e que com certeza contribuiu para o aumento no número de abraços dados na família.

Aos gatinhos – Vesguinho, Caramelo e Paçoca – que se tornaram da família e são a alegria da casa, pois não existe tédio se eles estiverem acordados. Paçoca tem um agradecimento especial porque me fez muita companhia enquanto eu escrevia esse trabalho, as vezes ele era só a calma e dormia atrás do notebook, em outras ele só queria atrapalhar tentando morder os fios do carregador.

Às Queens – Alexandra, Ana Alves, Anna Luyza, Cássia, Elizabet e Sandrinadja – por esses 10 anos (e contando) de companheirismo, vocês moram no meu coração.

À Eduardo – meu namorado – que me ajudou e continua ajudando de tantas formas que não caberia tudo aqui.

Aos colegas de curso, pelo convívio e por tudo de bom que aconteceu nesses últimos anos. Em especial, à Letícia Vieira, que foi minha dupla desde o começo e se tornou uma amiga tão querida.

Aos amigos da Residência Universitária – Letícia, João Marcelo, Cleiton, João Victor, Leidinha, Géssika e tantos outros – que tive o prazer de conviver e partilhar momentos tão felizes.

Aos gestores das Unidades de Informação que fui bolsista/estagiária ao longo da graduação e foram essenciais para a minha formação profissional.

Aos professores do curso de Biblioteconomia – por todo o conhecimento transmitido, pela paciência e esforço em contribuir para a nossa formação. Em especial, aos professores Nadia e Francisco pelas melhores aulas do curso (de CDD e CDU, respectivamente).

Ao professor e orientador – Fernando Luiz Vechiato – por todo o auxílio, disponibilidade e paciência que contribuíram para que esse trabalho fosse finalizado da melhor forma possível.

## RESUMO

O modo de trabalhar do bibliotecário alterou-se com o passar do tempo, principalmente com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação. No contexto tecnológico o profissional passou a ter novas formas de trabalhar, principalmente no meio digital. Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo compreender de que modo os bibliotecários podem atuar como arquitetos da informação no mercado de trabalho. Para isso buscou-se evidenciar o histórico do profissional no Brasil, entender os conceitos relacionados a Arquitetura da Informação e como se conecta com a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, e discutir sobre as relações entre esses dois profissionais. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica que tem como objetivo estabelecer contato direto com as publicações relacionadas a esse assunto. Nos resultados obtidos, constata-se que há relações entre os profissionais, principalmente em relação as atividades que desempenham, e com isso é reconhecida a capacidade do bibliotecário em atuar como arquiteto da informação.

**Palavras-chave:** bibliotecário; arquitetura da informação; arquiteto da informação; mercado de trabalho-bibliotecário.

## ABSTRACT

The librarian's way of working has changed over time, especially with the development of Information and Communication Technologies. In the technological context, the professional started to have new ways of working, especially in the digital environment. Therefore, this research aims to understand how librarians can work as information architects in the job market. For this, we sought to highlight the history of the professional in Brazil, to understand the concepts related to Information Architecture and how it connects with Information Science and Librarianship, and to discuss the relationships between these two professionals. Bibliographic research was used to establish direct contact with the publications related to this subject. The results obtained show that there are relations between the professionals, especially in relation to the activities they perform, and thus the librarian's ability to work as an information architect is recognized.

**Keywords:** librarian; information architecture; information architect; job market-librarian.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Cronologia da AI entre os anos 1970 e 1998. ....	25
FIGURA 2: Mapa Conceitual das Abordagens da Arquitetura da Informação.....	26
FIGURA 3: Tipos de Vocabulários Controlados.....	31



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>BIBLIOTECÁRIO: HISTÓRICO DO PROFISSIONAL NO BRASIL</b> .....	<b>13</b>
3.1	Mercado de Trabalho do Bibliotecário .....	19
<b>4</b>	<b>ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO</b> .....	<b>23</b>
4.1	Arquitetura da Informação: relação com a Ciência da Informação e Biblioteconomia.....	32
<b>5</b>	<b>ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO</b> ...	<b>34</b>
5.1	Síntese dos Resultados Obtidos .....	39
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O bibliotecário tem como objeto de estudo e trabalho a informação. Ele desenvolve principalmente o papel de mediador, pois ele é o profissional responsável por tornar as informações disponíveis, seja por meio físico ou digital, aos usuários. Para isso, ele adota diferentes técnicas de organização, armazenamento e disseminação da informação. (ASSIS, 2018)

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) interferiram em vários aspectos da sociedade, desde seu modo de produzir e consumir informações e também no modo que ela se interliga, visto que há uma conexão de pessoas através de redes de informação. Assim, esse desenvolvimento reflete nas profissões que também passam por transformações, e o bibliotecário teve seu papel modificado de modo que passou a assumir novas responsabilidades, a ter novas formas de trabalhar e novas maneiras de executar algumas tarefas. Essas modificações foram principalmente devido ao uso massivo da internet, das inovações e da globalização da informação. (ALCANTARA, 2017)

Em ambientes físicos como bibliotecas, arquivos e centros de documentação os bibliotecários passaram a utilizar as novas tecnologias como aliadas aos processos e como um meio facilitador na execução das atividades das unidades de informação. Além das mudanças no modo de trabalho tradicional, o bibliotecário passou por alterações em sua postura profissional e nas possibilidades de atuação no mercado de trabalho, principalmente por ser um profissional que lida com informação. (ALCANTARA, 2017; PINTO, *et al.*, 2015)

A atuação do bibliotecário no contexto tecnológico é uma consequência do impacto gerado pela internet que provocou a transferência das informações para o meio digital. Isso viabilizou uma atuação profissional menos rígida e restrita aos ambientes físicos. O bibliotecário passou a ter como foco os vários suportes em que a informação se encontra registrada. (ASSIS, 2018; SANTOS; SILVA, 2013)

A internet é tida como favorável para a atuação dos bibliotecários, pois eles são profissionais aptos a lidarem com grandes estoques de informação. E possuem conhecimentos e habilidades adquiridas na formação em Biblioteconomia que podem ser aplicados em diversos ambientes informacionais. (BAPTISTA; MUELLER, 2005)

A problemática dessa pesquisa, portanto, partiu da observação das transformações ocorridas no mercado de trabalho do bibliotecário inserido no contexto tecnológico. Observou-se uma alteração quanto aos campos de atuação para este profissional, que pode atuar como Arquiteto da Informação.

Nesse contexto, a atuação do bibliotecário como Arquiteto da Informação tem suas funções voltadas ao ambiente informacional digital. Esse profissional tem como objetivo transformar a informação em algo compreensível aos usuários, trabalhando com a acessibilidade, usabilidade e organizando a informação criando estruturas que levem o usuário ao seu objetivo. (SÁ; CAIRES, 2016)

A partir dessas premissas tem-se como questão norteadora da pesquisa: de que modo os bibliotecários podem atuar como arquitetos da informação?

Assim, o objetivo geral desse trabalho é compreender de que maneira os bibliotecários podem atuar como arquitetos da informação no mercado de trabalho.

Para alcançar o objetivo geral, foram delimitados os seguintes objetivos específicos:

- Evidenciar o histórico do bibliotecário no Brasil e conhecer seu mercado de trabalho.
- Entender conceitos relacionados a Arquitetura da Informação e a forma que se relaciona com a Ciência da Informação e Biblioteconomia.
- Discutir sobre a atuação do Bibliotecário em ambientes informacionais digitais como Arquiteto da Informação.

Essa pesquisa contribuirá para os estudos sobre o mercado de trabalho do bibliotecário, que em decorrência dos avanços das TIC passou por transformações e contribuiu para o surgimento de um novo espaço de atuação nos ambientes informacionais digitais.

No que se refere às justificativas, a de ordem acadêmica está na contribuição para os estudos sobre a atuação do bibliotecário no mercado de trabalho, que fornecem aos profissionais uma perspectiva quanto às exigências e as necessidades de um mercado que está em constante evolução.

A de cunho científico consiste na pertinência do tema para os bibliotecários. A pesquisa traz conteúdos que possibilitam a promoção de debates científicos sobre a atuação dos bibliotecários como Arquiteto da Informação no mercado de trabalho atual.

A justificativa de ordem pessoal dessa pesquisa está no interesse da autora em explorar um tema que chamou atenção durante a disciplina de Arquitetura da Informação no Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFRN. A escolha veio da necessidade de avaliar o trabalho do bibliotecário por uma perspectiva além das bibliotecas e outros ambientes tradicionais e assim poder ampliar os conhecimentos sobre essa nova oportunidade de vínculo empregatício para o bibliotecário.

E tendo em vista que as modificações ocorridas em termos de evolução tecnológica influenciam no modo de vida e trabalho das pessoas a justificativa social se refere à compreensão de como o trabalho do bibliotecário foi se modificando nessa perspectiva.

Assim, pode-se observar itens importantes nas justificativas como a atualidade do tema, interesse do autor, relevância do tema para a sociedade e sua pertinência, principalmente para a comunidade científica. (PRODANOV; FREITAS, 2013)

Essa monografia é dividida em seções e em subseções que guiam de forma ordenada os temas explorados em estruturas coerentes.

A seção 1, Introdução, aborda os aspectos iniciais que envolvem a pesquisa, que consiste na contextualização dos temas apresentados, o problema de pesquisa, os objetivos e as justificativas.

A seção 2, Procedimentos Metodológicos, apresenta os métodos e técnicas utilizadas na pesquisa para atingir os objetivos propostos.

A seção 3, Bibliotecário: histórico do profissional no Brasil, apresenta uma análise sobre as transformações que o profissional passou ao longo do século XX e XXI. E conta com uma subseção que aborda os aspectos do mercado de trabalho do profissional.

A seção 4, Arquitetura da Informação, apresenta os conceitos da Arquitetura da Informação, e a subseção discute a forma que a AI se relaciona com a Ciência da Informação e Biblioteconomia.

A seção 5, Atuação do Bibliotecário como Arquiteto da Informação, aborda a atuação do Bibliotecário em ambientes informacionais digitais como arquiteto da informação.

A seção 6, Considerações Finais, consiste na concentração dos aspectos finais da pesquisa, retomando os resultados obtidos, além de reiterar sobre a importância da atuação dos bibliotecários em ambientes informacionais digitais.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa pode ser definida segundo Gil (2008, p. 26) como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” que tem como objetivo “descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Uma pesquisa pode decorrer de duas razões: de ordem intelectual - que busca o desenvolvimento dos conhecimentos científicos -, e de ordem prática – que tem interesse na aplicação do conhecimento.

Assim, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 49) uma pesquisa científica tem como objetivo “conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. [...] O produto da pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento humano”.

Tendo em vista que essa pesquisa tem como propósito compreender de que modo o bibliotecário pode atuar como arquiteto da informação em ambientes informacionais digitais, foram utilizados métodos científicos e procedimentos técnicos para a efetivação dos objetivos definidos.

O método científico é definido, de acordo com Marconi e Lakatos (2004, p. 46), como o “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi escolhido o uso do método indutivo, e segundo Marconi e Lakatos (2004, p. 53) a indução trata-se de

um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

Assim, o método indutivo parte do raciocínio da busca pela generalização devidamente constatada nas observações realizadas. Logo, a proposta de analisar as relações existentes entre o bibliotecário e o arquiteto da informação resultaram em observações relevantes quanto as novas formas de atuação no mercado de trabalho para o bibliotecário.

Para a realização desse trabalho, sob o ponto de vista dos objetivos delimitados, foi utilizada a pesquisa de carácter exploratório, que possibilita o estudo do tema de uma forma ampla, por diversos ângulos e aspectos. Ela é definida por Prodanov e Freitas (2013, p. 51 e 52) como uma pesquisa que tem “como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto, [...] possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da

pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.”

Gil (2008, p. 27) também cita que esse tipo de pesquisa constitui

a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados.

Já os procedimentos técnicos são definidos por Prodanov e Freitas (2013, p. 54) como “a maneira pela qual obtemos os dados necessários para a elaboração da pesquisa”. Para isso, a técnica de pesquisa aplicada foi a pesquisa bibliográfica que tem como base materiais informacionais publicados, principalmente livros, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações, teses e internet. O objetivo foi estabelecer contato direto com as publicações já feitas sobre o assunto dessa pesquisa.

Para a realização desse trabalho foi seguido etapas consideradas essenciais para a realização de uma pesquisa bibliográfica, que são: a escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar com alguns critérios; formulação do problema de pesquisa; elaboração do plano provisório do assunto; busca das fontes; leitura do material selecionado; fichamento; organização lógica do assunto, com a definição das ordens das seções; e por fim a redação do texto. (PRODANOV; FREITAS, 2013)

O levantamento bibliográfico preliminar foi realizado nas seguintes bases de dados: BRAPCI, OASIS BR, Portal Periódicos CAPES e Google Acadêmico, por meio da busca avançada utilizando os termos “Bibliotecário AND Mercado de Trabalho” e “Bibliotecário AND Arquitetura da Informação”. Foi adicionado filtro de data, com um limite de 2011 até 2021, a fim de colher pesquisas mais recentes sobre o assunto e também o filtro de idioma (português).

Posteriormente também foram realizadas outras buscas que tiveram o intuito de contribuir no desenvolvimento dessa pesquisa e construção do embasamento teórico. Tais buscas forneceram outros documentos como monografias, artigos, livros e textos disponíveis em sites online.

### 3 BIBLIOTECÁRIO: HISTÓRICO DO PROFISSIONAL NO BRASIL

O perfil do bibliotecário brasileiro passou por transformações ao longo do século XX e XXI. As mudanças vão desde o surgimento do curso de Biblioteconomia no país, que foi essencial para a consolidação da formação do profissional, até o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que influenciaram em sua *práxis*.

No decorrer do século XX a profissão passou por momentos historicamente marcantes. Guimarães (1997) aponta alguns deles: a criação do primeiro curso de Biblioteconomia, em seguida a criação do segundo curso no país, o reconhecimento do profissional por meio de uma legislação, a pesquisa sendo desenvolvida a partir dos cursos de pós-graduação, reformulação curricular e mudança da visão do profissional.

O primeiro curso de Biblioteconomia foi o da Biblioteca Nacional (localizada no Rio de Janeiro) foi criado em 1911, mas por desistência de alguns alunos matriculados as aulas só tiveram início em 1915. Para obter admissão no curso os candidatos se submetiam a uma prova escrita de português, a fim de demonstrar conhecimento na língua materna, e provas orais de disciplinas como Geografia, Literatura, História Universal e de Línguas francês, inglês e latim. (CASTRO, 2000)

A primeira visão que se teve do bibliotecário foi a de um profissional erudito, marcado por uma formação humanista, bastante envolvido com a cultura e com a arte, algo que fica evidente ao considerar os conhecimentos exigidos na prova de admissão do curso da Biblioteca Nacional. Assim, a formação do profissional é influenciada pelos princípios da escola francesa *École de Chartes*, que possuía forte característica humanística. (GUIMARÃES, 1997)

O curso da BN manteve suas atividades regulares até o ano de 1922. Devido ao estabelecimento do regulamento do Museu Histórico Nacional foi criado um “*Curso Technico*” a fim de formar os profissionais para atuarem na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional. Porém esse curso não entrou em vigor devido a não concordância por parte de alguns professores. Nesse momento encerra-se a primeira etapa do curso da BN. (CASTRO, 2000)

Em 1931 o curso é retomado com a justificativa de suprir as necessidades da BN e das demais bibliotecas públicas, para que assim pudessem contar com profissionais instruídos. Castro (2000, p. 61) cita que “em termos gerais não houve mudanças significativas entre a primeira e a segunda fase quanto aos saberes necessários à formação do bibliotecário”. O conhecimento em cultura geral ainda era predominante, juntando-se à necessidade de formar profissionais para suprir as demandas dos espaços.

O segundo curso de Biblioteconomia foi criado em São Paulo, na universidade Mackenzie, em 1929. Esse curso tinha como influência a pedagogia norte-americana em que o ensino da Biblioteconomia era mais pragmático e focado na organização da biblioteca. Devido a característica técnica que trouxeram foi necessário trazer um profissional qualificado ao Brasil, sendo a bibliotecária Dorothy Muriel Gropp. Ela foi a responsável em ministrar o curso denominado “Curso Elementar de Biblioteconomia”, que era direcionado aos funcionários da biblioteca da universidade e para professores e bibliotecários do Estado. (CASTRO, 2000)

Em 1936 o curso da universidade Mackenzie tem suas atividades encerradas. O motivo foi a criação do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, por Rubens Borba de Moraes. Em 1939 esse curso também é encerrado pelo prefeito da época, porém no ano seguinte Moraes conseguiu a transferência do curso com o apoio da “Escola Livre de Sociologia e Política”. (CASTRO, 2000)

O bibliotecário passou a ser reconhecido como um profissional técnico, graças à formação fornecida do primeiro curso de São Paulo. Guimarães (1997, p. 125) cita que o profissional passou a estar “ligado a atividades de tratamento e organização de documentos”. Essa visão tecnicista do bibliotecário perdurou principalmente a partir da década de 1930 até 1960.

O ensino da Biblioteconomia foi então expandido pelo Brasil, com vantagens e algumas problemáticas. Parte da problemática foi a transferência do currículo dos cursos do Rio de Janeiro e de São Paulo sem considerar as peculiaridades de cada local, além dos cursos terem sido ministrados com um corpo docente reduzido e sem dedicação exclusiva. O resultado disso foi o encerramento das atividades de vários cursos nos anos 1950 e 1960. Como consequência nesse período pouco foi desenvolvido na área científica. (CASTRO, 2000)

Em relação às vantagens da expansão dos cursos de Biblioteconomia destacam-se a melhoria dos serviços das bibliotecas, que passaram a contar com bibliotecários formados, bem como a presença de lideranças na área fora do eixo Rio-São Paulo. Castro (2000, p. 110) cita que inicia uma luta “pelo estabelecimento do currículo mínimo, pela regulamentação da profissão e pela incorporação dos Cursos e Escolas nas Universidades, em especial nas Federais”.

Para os profissionais a expansão do curso viabiliza o alcance de status acadêmico e social, além de propiciar aos estudantes o convívio com saberes diferentes preparando um profissional que estivesse apto a atuar no mercado de trabalho. (CASTRO, 2000)

Em 1962 o bibliotecário obteve o reconhecimento como profissional de nível superior. A Lei é a de nº 4.084, de 30 de junho de 1962 que “dispõe sobre a profissão de bibliotecário e



regula seu exercício” e estabelece a criação dos Conselhos de Biblioteconomia (Federal e Regionais). A Lei determina que a profissão é privativa aos bacharéis em Biblioteconomia, com as seguintes atribuições:

Art. 6º São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia, a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes:

- a) o ensino de Biblioteconomia;
- b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação.
- c) administração e direção de bibliotecas;
- d) a organização e direção dos serviços de documentação.
- e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência. (BRASIL, 1962)

Com a obrigatoriedade estabelecida na Lei nº 4.084/62 dos diplomas de Biblioteconomia serem registrados na Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura veio o Currículo Mínimo em que as disciplinas ministradas eram padronizadas. Esse Currículo era dividido em dois grupos de conteúdo: cultural e humanístico. (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013)

Na década de 1970 os cursos de pós-graduação vieram a contribuir para o desenvolvimento científico da área e com o surgimento dos primeiros periódicos científicos. Já na década de 1980 houve a reformulação curricular em Biblioteconomia. (GUIMARÃES, 1997)

A reformulação do currículo aconteceu em 1982 e surgiu da necessidade de atualização em relação ao que foi feito anteriormente. Ele foi elaborado pelo Conselho Federal de Educação junto a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) e professores de cursos de Biblioteconomia. Nesse novo Currículo a divisão foi feita em três grupos: a de disciplinas de fundamentação geral, instrumentais e de formação profissional. (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013)

Nesse período da década de 1980 a visão a respeito do bibliotecário foi modificada, o profissional passou a ser reconhecido como um agente cultural de informação. Já do final de 1980 e início de 1990 a globalização passou a fazer parte do contexto social, com isso houve uma mudança quanto ao conceito do bibliotecário que passou a ser considerado “o profissional da informação”. (GUIMARÃES, 1997)

Também nos anos 1990 a educação brasileira passou por transformações. A criação da Lei 9.394/1996 estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Com essa lei as

universidades passaram a ter autonomia na criação, organização e extinção dos cursos e programas e na fixação dos currículos dos cursos e programas, entre outras atribuições. (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013)

O ensino da Biblioteconomia teve suas diretrizes estabelecidas em 2001 por intermédio do Parecer CNE/CES 492/2001 do Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação. Segundo Almeida e Baptista (2013, p. 8) foi esse documento que “definiu o perfil dos formandos da área, enumerou as competências e habilidades necessárias ao egresso direcionando o conteúdo curricular. O Parecer estabeleceu a importância de estágios, atividades complementares, avaliação institucional e da estrutura do curso.”

De acordo com as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia, as Instituições de Ensino Superior devem fornecer à formação do bibliotecário a capacidade de atuarem “junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc.” (BRASIL, 2001, p. 32)

Os graduados no curso devem ser providos de competências e habilidades, em que as competências são divididas em gerais e específicas. As competências gerais consistem em

- gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los;
- formular e executar políticas institucionais;
- elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos;
- utilizar racionalmente os recursos disponíveis;
- desenvolver e utilizar novas tecnologias;
- traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação;
- desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;
- responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo. (BRASIL, 2001, p. 32)

Enquanto as específicas consistem em

- Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente;
- Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação;
- Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza;
- Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;
- Realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação. (BRASIL, 2001, p. 32-33)

As habilidades e competências vinculadas ao profissional bibliotecário o levam para uma formação preocupada com a informação como um todo, bem como se adequar às TIC. Nesse aspecto se estabelece o profissional da informação citado por Guimarães (1997) que está apto a atuar em diversos locais e está sempre atento às especificidades dos suportes informacionais.

O profissional da informação do século XXI está inserido num contexto multidisciplinar, em que lidar com a informação exige do profissional a habilidade de trabalhar em equipe. Isso porque essa denominação pode ser estendida a muitos profissionais que possuem as habilidades e competências necessárias para atuarem com algo tão complexo como a informação. (VALENTIM, 2000)

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações– CBO (2010) são classificados como profissionais da informação o Bibliotecário, o Documentalista e o Analista de informações (pesquisador de informações de rede). E são descritos como aqueles que aqueles que

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria. (BRASIL, 2010, p. 379)

Bressane e Cunha (2011, p. 330) destacam outras denominações para os profissionais da informação, como: “agente de informação, profissional do conhecimento, trabalhador do conhecimento, bibliotecário, arquivista, gestor de informação, museólogo, analista de sistemas, comunicador e informático, entre outras”. Isso significa que a informação não está ligada a um profissional específico e por isso diversos profissionais, com conhecimentos, competências e habilidades diferentes podem se denominar como profissionais que tem como objeto de estudo e trabalho a informação.

O bibliotecário é o profissional da informação responsável pela gestão, organização e tratamento da informação, além de ser o mediador entre ela e o usuário, facilitando sua disseminação e acesso. Esse serviço tem sido modificado rapidamente e continuará sendo, pois, as TIC afetam diretamente o modo de trabalhar com a informação. (ALCANTARA, 2017)

Isso ocorre porque o bibliotecário e todos os profissionais da informação estão inseridos no contexto da Sociedade da Informação, em que a presença dessas tecnologias transformou o mundo e a internet em fontes infinitas de informação. Assim, nesse cenário em que a

informação tem força na sociedade o profissional bibliotecário deve construir seu perfil de maneira a se inserir nesse contexto. (AMARO, 2018)

O bom profissional da informação, segundo Valentim (2000, p. 20)

deve antever as mudanças nos canais de distribuição de informação e é necessário que ele esteja preparado para esses novos canais de distribuição da informação. A partir desta percepção, modifica-se a forma e o meio de mediar, adequando-se e desenvolvendo modelos eficazes para atender as novas realidades.

Nesse contexto as tecnologias se tornam para os profissionais da informação instrumentos básicos de trabalho, que podem ser inseridas em qualquer unidade de informação, física ou digital, pois as TIC permitem que o trabalho realizado seja mais eficiente e eficaz. Assim faz parte da formação do bibliotecário a preocupação não só dos limites físicos de unidades de informação, mas de todo o ciclo informacional. (SILVEIRA, 2008; VALENTIM, 2000)

Logo, o bibliotecário deve estar atento às mudanças dadas ao tratamento à informação que se modifica e passa a contemplar novas metodologias de análise, processamento e disseminação. O profissional também deve se atentar aos “fatores que demarcam sua concepção, circulação e acesso, além das consequências econômicas, políticas e sociais” pois estes influenciam na forma que lidam com a informação. (SILVEIRA, 2008, p. 89)

De um modo geral é essencial que o bibliotecário – e todos os profissionais que tenham como instrumento de trabalho a informação – busque estar se atualizando constantemente. A formação dada em um curso formal (de graduação) é fundamental no aprendizado dos princípios básicos da área, principalmente para atuar no mercado de trabalho. No entanto, nem tudo pode ser aprendido através da educação formal, assim a educação continuada exerce seu papel na evolução do profissional. (VALENTIM, 2000)

A atualização constante está no fato de que o mercado de trabalho acompanha as transformações da sociedade, e com isso passa a exigir mais dos que ingressam nele. Para o bibliotecário um perfil mais proativo é desejado, além do desenvolvimento de habilidades como de investigação, busca por soluções, raciocínio e da busca pelo novo. No geral essa atitude permite que o bibliotecário não fique inerte às evoluções e exigências da sociedade. (ALCANTARA, 2017)

O bibliotecário não deve esperar um contexto em que o diploma e prerrogativas legais garantidas lhe deem um espaço no mercado de trabalho. São ações como ampliação de suas atividades, maior aproximação com as TICs, participação nos mais diversos espaços, estar

atento e flexível às mudanças que irão propiciar seu enriquecimento profissional ao bibliotecário. (ASSIS, 2018)

Logo, a capacitação tecnológica deve ser uma prioridade para o bibliotecário do século XXI, visto que a evolução da profissão trouxe novos elementos a serem incorporados às suas funções. E essa capacitação servirá tanto para gerir e trabalhar em suas unidades de informação quanto para alcançar novos espaços no mercado de trabalho, principalmente na *web*. (ALCANTARA, 2017)

Nesse sentido, o bibliotecário deve estar atento às mudanças do mercado de trabalho provocadas pelas tecnologias, as quais consistem em alterações na forma tradicional de prestação de serviços, trabalhos autônomos e atuação profissional na *Internet*. As oportunidades surgem dessas mudanças que tornam ambientes digitais informacionais promissores para sua atuação. (BAPTISTA; MUELLER, 2005)

Na subseção que segue serão discutidos aspectos do mercado de trabalho do bibliotecário, a fim de fornecer um entendimento sobre os desafios e exigências de um mercado que está em constante evolução.

### **3.1 Mercado de Trabalho do Bibliotecário**

Frente aos avanços tecnológicos a sociedade evoluiu em vários aspectos, e como consequência natural as profissões também evoluíram. É um processo inevitável que traz contribuições e elementos a serem incluídos, e com o profissional bibliotecário não seria diferente, principalmente com a adição das TIC à realidade da profissão. (AMARO, 2018)

As mudanças no mercado de trabalho são constantes e com isso os profissionais realizam esforços na atualização de suas atividades e na busca por novos espaços de atuação. Essas mudanças também estão na forma de inserção no mercado e no surgimento de vagas em determinados setores. Isso ocorre pois o cenário atual é caracterizado por ser competitivo e o profissional deve ser dinâmico e estar em constante aprimoramento dos seus conhecimentos a fim de beneficiar-se das oportunidades. (SOUZA, 2018)

O bibliotecário tem desde o final da década de 1990 tendo um conceito a seu respeito sendo discutido. Consiste em que o mercado de trabalho busca profissionais da informação que sejam holísticos, abertos, flexíveis, criativos, dinâmicos e proativos. E para isso esse profissional não deve ser somente um especialista em técnicas de transferência e organização da informação, mas também alguém que entenda de que forma um mundo competitivo e

globalizado funciona para que possa atingir as novas exigências do mercado. (BAPTISTA; MUELLER, 2005; FARIA, 2015)

Diante de uma sociedade globalizada, o profissional da informação tem desafios quanto às suas perspectivas profissionais. Tradicionalmente o profissional tem espaço em ambientes como instituições públicas, escolas, arquivos, universidades e centros culturais. E no contexto das TIC novos ambientes e novas oportunidades surgem e a estrutura de trabalho e público atendido também se alteram. (TRICHES; PALETTA, 2017)

Assim, entende-se que o espaço do bibliotecário no mercado não é estático e se modifica gradativamente junto às transformações de esfera econômica, política, social e tecnológica. Para isso o profissional deve estar em constante aprimoramento e atualização para que possa firmar sua relação com as informações e também chegar ao usuário da forma mais eficiente possível. (FARIA, 2015)

De uma forma estruturada, Valentim (2000, p. 21) identificou que o mercado de trabalho do bibliotecário é dividido em três grupos: “a) mercado informacional tradicional; b) mercado informacional existente não ocupado; c) mercado informacional - tendências.”

O Mercado Informacional Tradicional é o mais conhecido pelos profissionais e pela sociedade, em alguns momentos é o único segmento lembrado. É composto por bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas, arquivos e centros culturais. (VALENTIM, 2000)

Alguns desses espaços possuem uma alta concentração de profissionais atuantes como bibliotecas públicas, universitárias e centros culturais. Já outros segmentos como as bibliotecas escolares, as especializadas e os arquivos contam com uma baixa concentração de profissionais. Alguns dos motivos para um mau desempenho de cada um desses setores são: a distorção quanto a função dos espaços, a falta de investimento e estrutura, a falta de conhecimento para contratar profissionais que atendam às demandas informacionais. (VALENTIM, 2000)

O segundo consiste no Mercado Informacional Existente e não Ocupado. A biblioteca escolar se repete nesse segmento, pois apesar de ser bastante conhecida ainda é pouco ocupada pelos profissionais. A autora também cita editoras, livrarias, empresas privadas (através dos centros de documentação) e provedores de Internet como parte desse mercado. Trata-se de locais em que a organização e recuperação da informação são primordiais, mas por falta de conhecimento quanto ao profissional qualificado para ocupar e executar tais tarefas acabam sendo pouco ocupados. (VALENTIM, 2000)

O terceiro é Mercado Informacional – tendências, é considerado o mais abrangente de todos. Nele o profissional está inserido num contexto tecnológico e por consequência mais

dinâmico. Segundo Valentim (2000, p. 23) o profissional desse mercado deve “ser mais observador, empreendedor, atuante, flexível, dinâmico, ousado, integrador, proativo e principalmente mais voltado para o futuro”. E sua formação deve ser voltada a atender essas características pois trata-se de um segmento que exige ainda mais do profissional por ser mais competitivo. E com isso há mais chances de competição em diferentes nichos com a presença de vários profissionais que lidam com a informação. (VALENTIM, 2000)

Por ser mais conhecido, é comum que os bibliotecários formados se direcionem ao Mercado Informacional Tradicional. Num estudo realizado por Faria (2015) sobre fatores de influências e competências que levam a inserção do bibliotecário no mercado de trabalho em comparação ao estudo de Valentim (2000) foi constatado que a maioria dos bibliotecários está exercendo suas funções em bibliotecas tradicionais e que uma minoria está inserida na área da tecnologia da informação. Sendo assim, o bibliotecário ainda ocupa pouco espaço no Mercado Informacional de Tendências.

Nesse sentido percebe-se o déficit de atuação do bibliotecário no ramo da tecnologia da informação. Souza (2018, p. 87) atribui parte desse problema a mídia e ao mercado laboral que “não caracterizam esse profissional como sendo conectado ao cenário atual de tecnologia e evolução constante, dado que frequentemente ele é retratado como uma pessoa introspectiva, taciturna, extremamente metódica e bibliófila”. Então para romper com esse estereótipo o bibliotecário deve se posicionar a fim de ser reconhecido como um profissional que pode ocupar um espaço no mercado informacional de tendências.

Para isso o bibliotecário deve assumir uma postura de sair da sua zona de conforto, para que possa ir além do determinado na legislação quanto aos locais de atuação. Pois segundo Silva e Barradas (2020, p. 9) “o surgimento de tecnologias de informações ampliou o campo de atuação dos bibliotecários (...). É importante preparar-se para aplicar conhecimentos técnicos em outros cenários informacionais que não sejam apenas em bibliotecas”.

Contudo, esse novo espaço tecnológico não é restrito ao bibliotecário, mas é ele quem possui em sua formação o preparo para entender as necessidades dos usuários, e todos os aspectos desde a organização, monitoramento e disseminação de informações. (SILVA; BARRADAS, 2020)

O bibliotecário não deve abandonar as tarefas tradicionais e os processos aprendidos, mas deve usar as novas ferramentas como suporte para a evolução profissional. Souza (2018, p. 90) cita que a movimentação do profissional é no sentido “de garantir e ampliar o seu espaço no mundo do trabalho, que deixaria de ser caracterizado por aspectos físicos ou processos específicos”.

Assim, diante das novas possibilidades de atuação novas denominações para o profissional bibliotecário acabam surgindo como: gestor de informação, cientista da informação, analista de informação, arquiteto de informação, entre outros. A partir dessas modificações no mercado é cada vez mais necessário que o profissional vá em busca do aprimoramento dos seus conhecimentos e habilidades.

Em relação aos locais de atuação com foco no mercado informacional, a internet é considerada um ambiente bastante promissor para a atuação dos bibliotecários. A razão disso está na grande quantidade de informações a serem selecionadas, catalogadas, classificadas e disseminadas aos usuários. E o bibliotecário é um excelente profissional quando se trata dessas atividades, e seus conhecimentos podem ser aplicados no ambiente da internet em que a tendência é o aumento do volume de informações. (BAPTISTA; MUELLER; 2005)

Quanto aos setores de atuação dos bibliotecários destaca-se o de *User Experience (UX)*, que significa Experiência do Usuário. Silva e Barradas (2020, p. 14) citam que o profissional dessa área “trabalha no mapeamento das percepções dos usuários (...) equilibrando aspectos práticos, experienciais, significantes e a interação, na experiência de quem usa sendo um setor bastante multidisciplinar”.

O bibliotecário contribui nessa área por meio da Arquitetura da Informação, trabalhando aspectos sobre como os usuários consomem a informação, estando atento a usabilidade de *sites Web*, a organização e catalogação dos títulos da página, no estudo dos usuários e na taxonomia (que seja adequada a realidade do usuário). (SILVA; BARRADAS, 2020)

Logo, é possível notar que o mercado de trabalho para o bibliotecário se amplia junto às TIC. O profissional conta com a possibilidade de melhorar os serviços tradicionais nas bibliotecas e outros locais através do trabalho com Experiência do Usuário e Arquitetura da Informação, visto que esses ambientes físicos podem oferecer produtos e serviços no ambiente digital, e explorar novos nichos de atuação. Isso depende da capacidade do bibliotecário em ser flexível, adaptável e atento às necessidades do mercado. (SOUZA, 2018)

Na próxima seção serão apresentados os conceitos da Arquitetura da Informação, bem como a forma que se relaciona com a Ciência da Informação e Biblioteconomia.



## 4 ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

A expressão “Arquitetura da Informação” foi cunhada pelo arquiteto Richard Saul Wurman, inicialmente definida como uma ciência e arte capazes de criar instruções para espaços organizados. Com o tempo a AI passou a ser um campo repleto de divergências quanto a sua definição, pois os pesquisadores que buscavam sua definição analisavam ferramentas, técnicas e conceitos baseados em suas próprias perspectivas e formação. (ALBUQUERQUE; LIMA-MARQUES, 2011)

Segundo Albuquerque e Lima-Marques (2011, p. 61) constata-se que a AI foi inicialmente uma expansão da Arquitetura tradicional. Os autores consideram que “essa perspectiva dá origem ao conceito de uma forma bastante natural, por ser evolução ou desdobramento de uma disciplina antiga em resposta a desafios modernos”.

Para compreender de que forma a AI transitou, desde as suas primeiras menções até os dias atuais, Ronda León (2008) elaborou o percurso deste estudo desde o aparecimento do termo “Arquitetura da Informação” até a sua consolidação através da publicação de livros essenciais para a área e quais visões foram essenciais para a sua formação. (OLIVEIRA, 2014)

Ronda León (2008) considera que o primeiro marco da AI aconteceu na década de 1970, e consistia em buscar uma maneira de organizar a quantidade de informação produzida pela sociedade. O autor cita como primeiros contribuidores para a área o grupo científico da empresa Xerox Palo Alto Research Center (PARC) e os trabalhos elaborados por Richard Saul Wurman.

Em julho de 1970 um grupo de cientistas da PARC especializados criaram uma Arquitetura da Informação com o objetivo de ser aplicável aos artefatos tecnológicos da Xerox. Considera-se que esse grupo contribuiu na elaboração do que hoje se conhece por IHC – Interação Humano-Computador. (OLIVEIRA, 2014)

A segunda evidência histórica apontada por Ronda León (2008) consiste no uso do termo sendo utilizado nos anos 1975-76 nos trabalhos do arquiteto e desenhista Richard Saul Wurman. Em outubro de 1975 Wurman escreveu um artigo com Joel Katz intitulado *Beyond Graphics: The Architecture of Information*. O artigo foi publicado pelo AIA (*American Institute of Architecture*) *Journal* em uma conferência promovida pelo AIA no ano de 1976. Apesar de ter suas origens voltadas à organização da informação em ambientes urbanos, as contribuições de Wurman foram essenciais na fundamentação de princípios básicos da área. (RONDA LEÓN, 2008)

Wurman (1997, apud SILVA 2016, p. 67) definiu o termo “como uma arte para criar instruções para organizar um espaço, tentando tornar o complexo simples”, pois quanto maior a quantidade de informações maior é a dificuldade de compreensão por parte das pessoas.

Inicialmente Wurman estabeleceu que a prioridade da AI era a organização da grande quantidade de informações produzidas, e uma das primeiras aplicações desse conceito foi na organização de guias de viagem, com mapas das regiões. Sendo uma forma de organizar o conteúdo por categorias aos sujeitos. (LUZ, 2020)

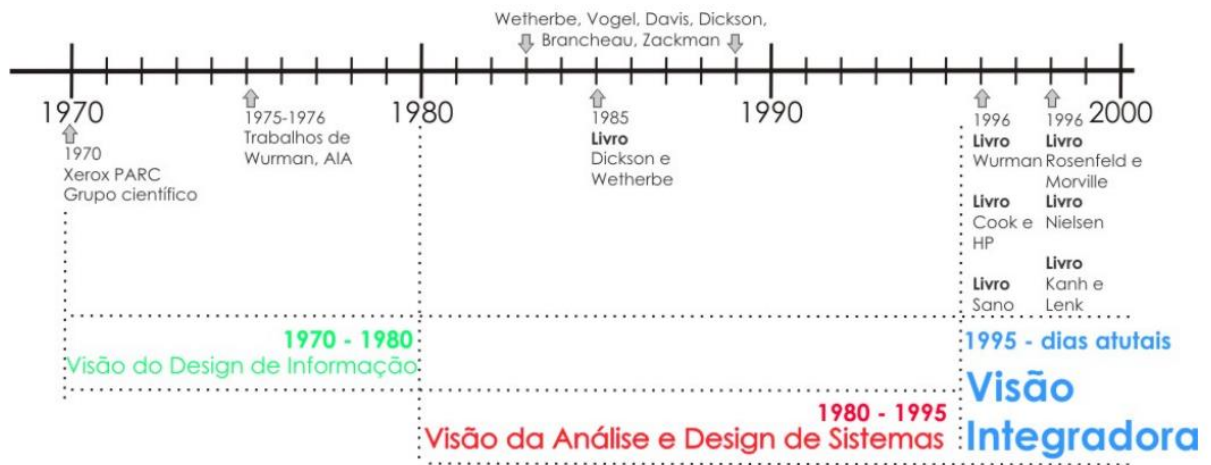
A terceira evidência constatada por Ronda León (2008) foi na década de 1980, em que o termo “Arquitetura da Informação” foi comumente utilizado em uma série de artigos cujos autores mais notáveis foram: James C. Wetherbe, Gordon B. Davis, Douglas R. Vogel, Gary W. Dickson e James C. Brancheau. Esses autores referem-se a AI como um meio para o *design* e construção de sistemas de informação. (RONDA LEÓN, 2008)

Seguindo a cronologia da AI, Ronda León (2008) cita a tese de doutorado de Weitzman publicada em 1995, intitulada “*The architecture of information: interpretation and presentation of information in dynamic environments*”. Ela foi publicada pelo Instituto de Tecnologia do Massachusetts (MIT). Na tese o autor menciona que a empresa Xerox foi uma das primeiras empresas a desenvolver uma estrutura de informação e usar o termo “Arquitetura da Informação”. (RONDA LEÓN, 2008)

Entre os anos de 1996 e 1998 autores como Wurman (1996), Cook (1996), Kahn e Lenk (1998), Nielsen (1998) e Rosenfeld e Morville (1998) publicaram livros que contribuíram na consolidação de conceitos da Arquitetura da Informação. Dentre esses autores apresentados destacam-se Rosenfeld e Morville, bibliotecários e cientistas da informação. No livro intitulado “*Information Architecture for the World Wide Web*” os autores apresentaram a possibilidade de a AI ser aplicada ao contexto da *web*. (OLIVEIRA, 2014)

Os acontecimentos citados até esse ponto são sintetizados e apresentados na cronologia elaborada por Ronda León (2008) que considera o período entre os anos 1970 e 1998, conforme a Figura 1 que segue:

**Figura 1: Cronologia da AI entre os anos 1970 e 1998.**



Fonte: Oliveira (2014) adaptado de Ronda León (2008)

A análise representada na Figura 1 permite visualizar o que Ronda León (2008) considerou como as três visões que influenciaram a evolução da área, sendo elas: a visão do *design* de informação (de 1970 a 1980), a visão de análise e *design* de sistemas (1980 a 1995) e a visão integradora (a partir de 1995). Oliveira (2014) considera que essas visões também podem ser consideradas como abordagens disciplinares que exerceram influência nos estudos e práticas da AI ao longo do tempo.

Além disso Oliveira (2014) considera que a linha que separa as visões é levemente rígida, visto que

essas visões ou abordagens podem, sobretudo nos momentos de transição, se mesclar, se interconectar e até se sobrepor. Compreendemos ainda que nenhuma abordagem se extingue totalmente em um campo ou disciplina científica, embora, dependendo da força com que uma nova abordagem se impõe, a abordagem anterior se enfraquece no processo histórico. (OLIVEIRA, 2014, p. 80)

A análise feita por Ronda León (2008) permite entender que a AI possui um caráter interdisciplinar, pois dialoga com diferentes campos disciplinares. Sua fundamentação não é originada de um ramo disciplinar. Ao longo do tempo áreas como Arquitetura, *Design* de Informação, Sistemas de Informação, Ciência da Informação, Computação Ubíqua e o *Design* de Serviços influenciaram na formação da AI. (OLIVEIRA, 2014)

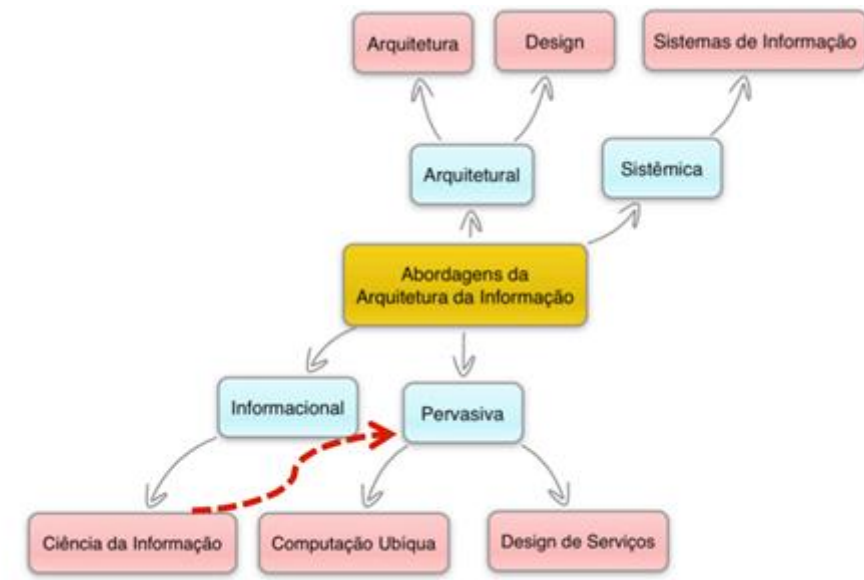
Seu caráter interdisciplinar também resultou no diálogo com outros campos disciplinares como a Ergonomia, Usabilidade, Psicologia Organizacional, Ciência da

Computação, as Ciências Cognitivas, Desenho Industrial, Design Gráfico, Sociologia e Antropologia. (OLIVEIRA, 2014)

São áreas com corpos teóricos bem estabelecidos que contribuem com ferramentas, técnicas, experiência e credibilidade para a AI formar e definir seu corpo teórico, algo necessário visto que ainda é um campo relativamente novo. (REIS, 2007)

Alguns desses campos atuam de forma incisiva na Arquitetura da Informação e influenciam na elaboração de conceitos que servem como base para a AI, resultando nas abordagens da AI. O mapa conceitual da Figura 2 a seguir representa os campos disciplinares que atuam sobre cada uma delas, caracterizando a sua interdisciplinaridade. (OLIVEIRA, 2014)

**Figura 2: Mapa Conceitual das Abordagens da Arquitetura da Informação**



Fonte: Oliveira (2014)

As abordagens da AI contribuem através de uma dinâmica inter/multidisciplinar, pois quebram fronteiras disciplinares e com elas a AI adquire uma “fluidez identitária”. Logo, compreende-se que a AI, segundo Oliveira (2014, p. 42), faz parte de um contexto de “contínuo processo de evolução histórica e cultural marcado pelo avanço da técnica e pelo desenvolvimento tecnológico que subsidia a construção de ferramentas, produtos e processos informacionais”.

Assim, Oliveira (2014, p. 76) cita que a Arquitetura da Informação se apresenta “como uma práxis profissional e como um campo de estudos como foco na solução de problemas relacionados ao acesso e uso do vasto quantitativo de informações disponíveis”. Algo necessário, visto que avanços tecnológicos trazem mudanças na sociedade. Desse modo, a AI

é o meio de proporcionar um melhor acesso e uso da informação em ambientes e facilitar a experiência dos usuários.

Esses avanços trouxeram mudanças no cotidiano de diversos setores da sociedade, como as bibliotecas, centros de pesquisa, arquivos e museus. E também foram responsáveis pela produção de produtos tecnológicos que foram rapidamente inseridos no cotidiano da sociedade. As pessoas passaram a realizar atividades rotineiras com auxílio de artefatos tecnológicos como computadores, *tablets* e *smartphones*. (OLIVEIRA, 2014)

A informação precisa moldar-se aos artefatos para que possam ser acessados, e assim surge a necessidade da criação de ambientes informacionais digitais que possibilitam a interação entre as pessoas que a utilizam. Esses ambientes devem ser projetados considerando aspectos como a necessidade, o comportamento, a cultura e a subjetividade dos usuários, além de atender a complexidade de ser acessível em um *site web* ou em aplicativos para *smartphones* e *tablets*. (OLIVEIRA, 2014)

A Arquitetura da Informação é a área multidisciplinar, que em conjunto com as tecnologias de informação, contribui com a construção de bons ambientes digitais. Através dela é possível determinar a disposição dos conteúdos e as estratégias de navegação utilizadas pelos usuários. Ademais, a utilização da AI no planejamento de ambientes digitais resulta, segundo Luz (2018, p. 5) nas “suas taxonomias, que determinam as interfaces e como estas devem utilizar/exibir a gestão da informação orgânica, o registro e uso do conhecimento”. (CAMARGO; VIDOTTI, 2006; LUZ, 2018)

De acordo com Rosenfeld, Morville e Arango (2015) os elementos **usuários**, **conteúdo** e **contexto** formam uma base no desenvolvimento de um projeto de Arquitetura da Informação. Os usuários podem ser determinados por tarefas, necessidades de informação, comportamento de busca de informações e experiências. O conteúdo é apresentado pelos tipos de documentos/dados, estrutura, dinamismo e volume. E o contexto tem como foco as especificidades como objetivos do negócio, política da empresa, cultura, recursos e tecnologia disponível.

Esses três elementos ou dimensões representam a Arquitetura da Informação por meio da intersecção entre eles, sendo que os usuários e o contexto remetem à *web* ou a Sistemas de Informação. Enquanto o conteúdo resgata o conceito geral de espaço de informação, que foi definido por Wurman. (ALBUQUERQUE; LIMA-MARQUES, 2011)

Na *web*, a tríade usuário-conteúdo-contexto, age de forma única em cada website. Por isso o Arquiteto de Informação deve ser capaz de balancear a informação para que seja acessível aos públicos destinados. O profissional tem como objetivo organizar padrões, mapear a

informação e disponibilizar de modo que seja claro para o usuário. (AGNER, 2009; REIS, 2007)

Desse modo, Reis (2007) cita que um projeto que envolve a arquitetura da informação especifica toda a organização informacional de um website e possui duas características básicas:

- Registrar as regras de classificação, ordenação, navegação, rotulação e busca do website
- Demonstrar a aplicação dessas regras nos conteúdos e serviços do website, gerando mapas de navegação (sitegramas e fluxos de navegação), esquemas das páginas (*wireframes*) e o vocabulário controlado. (REIS, 2007, p. 65)

Entende-se que a AI tem como característica a organização de conteúdos nos ambientes informacionais digitais, por isso Rosenfeld, Morville e Arango (2015) consideram que a informação deve estar estruturada em sistemas. São sistemas que atuam em camadas de informação, são independentes e possuem regras e aplicações específicas. São eles: sistemas de organização, navegação, rotulação, busca e representação (metadados, vocabulários controlados e tesouros). De acordo com Rosenfeld, Morville e Arango (2015), esses sistemas formam a anatomia da AI.

- **Sistemas de Organização:**

Os sistemas de organização são compostos de esquemas e estruturas de organização. O esquema de organização define características dos itens de conteúdo e influencia no seu agrupamento. A estrutura define os tipos de relações existentes entre itens de conteúdo e grupos. Ambos exercem um impacto importante nas maneiras como a informação é encontrada e compreendida pelos usuários. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015)

Os esquemas de organização são divididos em exatos (alfabético, geográfico e cronológico); ambíguos (tópicos (assuntos), orientado a tarefas, dirigido a metáforas e específico a um público – aberto ou fechado); e híbrido. Já as estruturas são divididas em hierárquica (top-down), banco de dados (bottom-up), hipertexto e classificação social/folksonomia. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015)

Logo, os sistemas de organização determinam como o conteúdo é organizado e categorizado. O objetivo do arquiteto da informação é organizar as informações de modo que os usuários possam obter as respostas às suas dúvidas. Elas são divididas em taxonomias, bancos de dados e redes. (SILVA, 2014)

De acordo com Reis (2007, p. 73) um ambiente informacional “precisa que as suas informações estejam organizadas para que o usuário consiga encontrar facilmente o que deseja.

(...) Ao acessar um website, o usuário quer resolver seus problemas, alcançar seus objetivos e concluir suas tarefas”. Assim, o sistema de organização tem a função de definir as normas de classificação e ordenação das informações disponíveis.

- Sistema de Navegação;

Os sistemas de navegação consistem na forma de interação que o usuário terá com o ambiente e o conteúdo informacional. Basicamente esses sistemas refletem a aplicação dos sistemas de organização. É importante que eles sejam bem definidos e organizados, para que o usuário possa obter um melhor aproveitamento do tempo de uso e acesso ao ambiente informacional. (LUZ, 2020)

Os sistemas de navegação são divididos em: embutido e suplementar. O embutido é composto por três subsistemas: a navegação global, local e contextual. São sistemas integrados que aparecem nas páginas do *web site* ou nas telas dos aplicativos. O objetivo deles é fornecer ajuda para que os usuários entendam onde estão, de onde vieram e para onde podem ir. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015)

O suplementar apresenta-se de forma básica (mapas do site, índice do site, guias e busca) e avançada (personalização, customização e navegação social). São externos à hierarquia básica de um ambiente informacional e fornecem diferentes formas de acessar uma informação. Esses sistemas podem ser fundamentais para garantir a usabilidade e localização de grandes sistemas de informação. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015)

- Sistema de Rotulação;

O sistema de rotulação consiste na definição de signos verbais e visuais para elementos informativos e de suporte à navegação feita pelos usuários. O significado deve ser transmitido de forma que não ocupe muito espaço na página e que o usuário não demande muito esforço para compreender. Sendo assim, a rotulação tem o objetivo de representar ou identificar um conteúdo e dar um acesso rápido e eficiente aos usuários. (LUZ, 2020)

Os rótulos podem ser classificados em textuais ou icônicos, e são encontrados em menus, barras de navegação, hipertextos e botões. Um bom sistema de rotulação depende de alguns fatores para sua criação, como o contexto em que as informações serão úteis e o público que elas são destinadas. (LUZ, 2020)

O sistema de rotulação é um desafio para a Arquitetura de um ambiente informacional, pois na linguagem há ambiguidades, sinônimos, homônimos e diferenças de contexto que podem interferir na interpretação e compreensão por parte do usuário. (AGNER, 2009)

- Sistema de Busca.

O sistema de busca é o que permite a localização, a recuperação e o acesso às informações do ambiente de forma direta. Os links gerados são respostas a alguma pergunta realizada pelo usuário, e por esse motivo o processo de recuperação deve ser feito através da representação descritiva e temática adequada. A criação de um bom sistema de busca exige a observação da maneira que os usuários realizam as buscas, para saber quais são suas necessidades informacionais e assim determinar o desenvolvimento de um sistema mais simples ou avançado. (LUZ, 2020)

De acordo com Agner (2009, p. 102) o sistema de busca pode “utilizar linguagem natural ou operadores *booleanos*. [...] Podem ainda conter metadados criados para representar cada documento.” Essas informações quando cruzadas com as perguntas realizadas pelos usuários resultam em uma busca útil e eficaz.

- Sistemas de Representação:

Os Sistemas de Representação têm como objetivo tratar a informação de forma que facilite a sua recuperação e a disseminação para os usuários. É um sistema necessário, pois o conteúdo informacional é produzido em quantidade exorbitante, em diferentes formatos e suportes, sendo físico ou digital e a falta de representação pode impossibilitar o seu acesso. Ela pode ser feita através da Representação Descritiva (descrição dos dados físicos do material) e da Representação Temática (descrição do conteúdo, dos assuntos contidos no material). (DUMER; SOUSA; ALBUQUERQUE, 2019).

De acordo com Rosenfeld, Morville e Arango (2015) a representação da informação no ambiente *web* é através dos metadados, vocabulários controlados e tesouros. Os metadados são utilizados na descrição de documentos, páginas, imagens, vídeos e outros conteúdos informacionais e tem como objetivo estruturá-los de forma organizada para facilitar a recuperação da informação. Além de também possuírem a capacidade da interoperabilidade, que é a facilidade de um sistema trocar dados com o outro. Alguns exemplos de padrões de metadados são *Machine Readable Cataloging* (MARC), Dublin Core (DC), Metadado Brasileiro para Teses e Dissertações (MTD-BR) e Metatags em HTML. (DUMER; SOUSA; ALBUQUERQUE, 2019).

Os Vocabulários Controlados, por sua vez, possuem diferentes níveis de complexidade em conformidade com os relacionamentos terminológicos, indo do mais simples até o mais complexo, conforme é mostrado a seguir na Figura 3.



**Figura 3: Tipos de Vocabulários Controlados.**



Fonte: Rosenfeld, Morville e Arango (2015, p. 271, tradução nossa)

Os autores Rosenfeld, Morville e Arango (2015) consideram que os Vocabulários Controlados abrangem diferentes formas de relacionamentos. Os Equivalentes são os mais simples e vêm na forma de Anéis Sinonímicos. Avançando o nível de relacionamento ao Hierárquico apresenta-se os Arquivos de Autoridade e Esquemas de Classificação. E no nível Associativo, que é o mais complexo, inclui os Tesouros.

O Tesouro é considerado um tipo de Vocabulário Controlado mais avançado, pois é mais complexo e abrange uma variedade de relacionamentos semânticos entre os termos que são utilizados para representar os assuntos. Em um Tesouro as relações semânticas são de equivalência, hierárquicas e associativas. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015)

A divisão desses sistemas é apenas no campo conceitual, para facilitar o trabalho do arquiteto de informação. A análise deles sendo realizada de forma separada facilita a busca por possíveis erros e na identificação de dificuldades no momento de execução. Porém, salienta-se que esses sistemas apresentam uma interdependência e assim os problemas gerados em um deles normalmente podem afetar os demais sistemas. (REIS, 2007)

Desse modo, entende-se que a Arquitetura da Informação é formada pela união de vários campos disciplinares e sob ele coexistem diferentes preocupações devido à complexidade que há na construção de ambientes informacionais. E seu foco está em possibilitar o acesso às informações através do uso de ferramentas de organização, navegação, rotulação, busca e representação utilizadas pelo Arquiteto da Informação.

A subseção em seguida irá aprofundar o estudo sobre a AI, com foco na sua relação com a Ciência da Informação e a Biblioteconomia.

#### **4.1 Arquitetura da Informação: relação com a Ciência da Informação e Biblioteconomia**

A construção de um campo de conhecimento é determinada por vários fatores, Oliveira (2014, p. 75) considera que ele “pode ser lido, visualizado, interpretado, conhecido ou investigado a partir de olhares etimológicos, epistemológicos, cronológicos, sociológicos, filosóficos, empíricos, entre outros, para constituir um conhecimento útil sobre tal campo”. Em um panorama científico, a Arquitetura da Informação tem natureza interdisciplinar pois foi construída a partir de métodos, modelos e teorias de outras disciplinas.

De acordo com Macedo (2005, p. 143) a AI se posiciona no âmbito da ciência pós-moderna, que teve como pressupostos “a necessidade de existência de uniformidades básicas e regularidades empíricas acerca do fenômeno que engloba o objeto de estudo de uma área, bem como a utilização de um método científico rigoroso para investigá-lo” repensados. Assim, por ser de natureza interdisciplinar, a AI se estabelece em um contexto que a ciência passa a admitir valores como a pluralidade e a complexidade na formação de uma área.

Com base na interdisciplinaridade da AI retoma-se o que foi exposto na seção anterior quanto às suas abordagens, que são a Arquitetural (Arquitetura e Design), Sistêmica (Sistemas de Informação), Informacional (Ciência da Informação) e Pervasiva (Computação Ubíqua e Design de Serviços). Elas são sedimentadas em diferentes áreas do conhecimento e têm papel fundamental nos estudos que norteiam a Arquitetura da Informação. (OLIVEIRA, 2014)

A abordagem relevante para esse momento é a Abordagem Informacional que orienta parte dos estudos e práticas presentes na AI e possui uma relação direta com a CI e a Biblioteconomia. Esses dois campos do conhecimento dispõem suas atividades com foco nas informações geradas pela sociedade, algo que evoluiu devido a revolução tecnológica que trouxe novas maneiras de armazenar, gerenciar e disseminar o conteúdo informacional criado, que pode ser aplicado tanto nos suportes impressos quanto nos disponibilizados em meio digital. (SANTA ANNA, 2016)

Desse modo, considera-se que a AI se estabelece como parte da Ciência da Informação, tendo em vista que a CI tem como objeto de estudo a informação, que ocupa praticamente todos os campos do conhecimento humano, e fornece os fundamentos necessários para a compreensão sobre o que é a informação e seus fundamentos. E a Arquitetura da Informação possui os métodos e técnicas necessários para a estruturação do fluxo informacional nos ambientes informacionais digitais. (MACEDO, 2005)

Nessa linha de estudo, a contribuição de Peter Morville e Louis Rosenfeld foi essencial para a área. Com a formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade

de Michigan, eles publicaram um livro que teve sua primeira edição em 1998, intitulado *Information Architecture for the World Wide Web*. A referida obra, conhecida como livro do Urso Polar, é resultado da atuação no planejamento de ambientes informacionais digitais realizado pelos autores. (LUZ, 2020)

Devido a sua formação, os autores notaram que os conhecimentos obtidos na área da Ciência da informação e Biblioteconomia seriam úteis para lidar com os elementos que compõem a formação de um espaço informacional. E os bibliotecários já tem em seu histórico a familiaridade com a organização e o acesso à informação, além da experiência em trabalhar com busca, navegação e tecnologias de indexação. (OLIVEIRA, 2014)

Logo, os avanços tecnológicos permitiram uma evolução da Biblioteconomia, que se tornou um campo útil para lidar com aspectos relacionados à organização da informação digital, bem como do bibliotecário, que pode atuar no ambiente digital exercendo a função de Arquiteto de Informação. (OLIVEIRA, 2014)

O Arquiteto de Informação é um profissional que pode vir de qualquer área que tenha como foco o trabalho com a informação, inclusive pelo bibliotecário, principalmente por ser de um campo do conhecimento relativamente novo e interdisciplinar. De acordo com Luz (2018, p. 5) o arquiteto é o profissional que cria “estruturas informacionais em camadas e planeja os caminhos de navegação dentro destes ambientes”.

Sendo assim, é possível notar que devido aos avanços sociais e tecnológicos da sociedade é comum que as áreas de conhecimento se entrelacem e influenciem umas às outras, principalmente devido à complexidade que envolve a gestão das informações.

Na próxima seção será aprofundada a discussão sobre a atuação do Bibliotecário em ambientes informacionais digitais como arquiteto da informação.

## 5 ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO COMO ARQUITETO DA INFORMAÇÃO

A atuação do bibliotecário no mercado de trabalho passou por transformações significativas, sendo uma delas a provocada pela evolução tecnológica. Seu trabalho foi modificado de modo que deixou de ser exclusivamente relacionado aos ambientes informacionais tradicionais como as bibliotecas, centros de documentação, arquivos, entre outros. (SILVEIRA, 2008)

Nesse novo cenário, um dos novos pontos de atuação do profissional da informação é a internet, que tem velocidades crescentes, um número cada vez maior de informações, dados e notícias sendo produzidas. Trata-se de quantidades exorbitantes que precisam ser devidamente selecionadas, catalogadas, classificadas e disseminadas da maneira correta aos usuários. (FALCÃO JÚNIOR, 2013)

Nessas circunstâncias, o bibliotecário realiza seu trabalho nos ambientes informacionais digitais através da Arquitetura da Informação, que no ambiente da web tem como função auxiliar na elaboração dos sistemas, na estruturação de websites (seu esqueleto) e no desenvolvimento de técnicas e estruturas que auxiliem os usuários a lidarem com o volume de informações que é produzido e a terem suas necessidades informacionais atendidas. (FALCÃO JÚNIOR, 2013)

A Arquitetura da Informação e a Biblioteconomia se conectam pois ambas têm como foco prezar pela organização da informação com objetivo de atender às necessidades dos usuários, de forma que seja acessível a eles todas as informações, com enfoque na rapidez e na fácil compreensão. A diferença entre essas áreas do conhecimento consiste no fato da Biblioteconomia ter como foco ambientes informacionais físicos e a AI os ambientes informacionais digitais. Todavia, com o passar dos anos e o desenvolvimento de novas pesquisas, os princípios da AI também podem ser aplicados nos ambientes informacionais físicos. (CRUZ, 2010)

Considera-se que a Arquitetura da Informação serve como base para todas as etapas seguintes da construção de ambientes informacionais digitais, pois segundo Falcão Júnior (2013, p. 4) a representação de uma página web é “responsável pelo sucesso dos demais aspectos que formam o website, como forma, função, metáfora, navegação e interface, interação e design visual”.

A Arquitetura da Informação também está inclusa no contexto da UX (User Experience, tradução: Experiência do Usuário) que corresponde à satisfação e o comportamento que o usuário tem ao utilizar um produto, serviço ou sistema em um ambiente informacional digital.

E além disso, há a preocupação em relação a busca da informação, a navegação nos sistemas e a orientação do usuário, ou seja, com a usabilidade em geral. (PÁDUA, DIAS, SOUSA, 2014)

A experiência do usuário é complexa, pois tem a ver com o sentimento que as pessoas têm em relação a algum produto ou serviço, seja positivo ou negativo. E isso representa um desafio aos profissionais responsáveis, pois o intuito é estar constantemente aprimorando a encontrabilidade de um determinado produto ou serviço por meio de elementos como a padronização de recursos e das técnicas de taxonomia. Já a Usabilidade é considerada como uma das partes que envolve a experiência do usuário, que é a facilidade que ele encontra no uso e a eficiência da interface. São conceitos importantes pois fazem parte de um bom trabalho em ambientes informacionais digitais. (BORBA, 2017; LUZ, 2018)

E o profissional responsável por trabalhar a elaboração de uma página de website, através dos critérios de usabilidade, eficiência, taxonomia e hierarquização de informações é o Arquiteto da Informação. É ele que está apto a lidar com a complexidade da informação, seu fluxo de navegação garantindo aos usuários a disponibilidade e a encontrabilidade das informações. (FALCÃO JÚNIOR, 2013)

De acordo com Wurman (1996 apud ROBREDO, 2008, p. 123) o arquiteto da informação pode ser definido como

- 1) o indivíduo que organiza os padrões inerentes aos dados, tornando o complexo claro;
- 2) a pessoa que cria a estrutura ou mapa da informação, que permite aos outros encontrar seus próprios caminhos na direção do conhecimento;
- 3) a atividade profissional que surge no século 21 apontando para as necessidades da época, com foco na clareza, na compreensão humana e na ciência da organização da informação.

Já segundo Rosenfeld, Morville e Arango (2015) os arquitetos da informação devem se preocupar com a criação de ambientes que sejam compreensíveis e acessíveis aos usuários, e que também sejam ambientes capazes de crescer e adaptar-se ao tempo para que possam atender às novas necessidades informacionais que venham a surgir.

De acordo com Brandão (2020) o arquiteto da informação deve ser um profissional munido de algumas habilidades que o torne apto a verificar as informações e as suas estruturas, como se fosse um integrante de uma instituição responsável por um projeto, e também com um usuário que está utilizando um determinado serviço ou produto. Logo, ele deve ser um profissional habilitado a identificar “quais serão as interações dos usuários com o ambiente que está desenvolvendo, organizando [a informação] e promovendo um acesso facilitado à ela,

catalogando-a e rotulando-a dentro dos seus sistemas de suporte (web sites, programas e aplicativos)”. (BRANDÃO, 2020, p. 6)

De um modo geral as habilidades que devem ser encontradas em um Arquiteto da Informação são elucidadas por Brandão (2020, p. 6) como:

capacidade de organizar a informação; de prover acesso facilitado à informação; de rotular a informação; de pensar como um usuário/cliente; de pensar/ver o produto/informação/*web site* como alguém que o concebeu; de transformar a informação/produto/*web site* aplicando formas e significados mais atrativos ao usuário/cliente; de diálogo e comunicação.

O Arquiteto da Informação não apresenta uma formação profissional específica, assim essa nomeação pode ser reivindicada por profissionais de diversas áreas do conhecimento. O motivo disso é a multidisciplinaridade da formação teórica da Arquitetura da Informação. Em relação a formação desse profissional Rodrigues e Silva (2015) realizaram uma pesquisa que tinha como objetivo fazer um estudo investigativo sobre o perfil do arquiteto da informação. Foi então constatado que há uma diversidade na área de formação desse profissional, com concentração maior nas áreas de tecnologia da informação (TI), designer, organização e representação da informação e marketing.

Logo, o Arquiteto da Informação deve exercer algumas atividades que segundo Cruz (2010) são: organização da informação (através da hierarquia, categorização e indexação da informação) e o fluxo de navegação em um ambiente *web*. O AI também deve exercer atividades ligadas a “usabilidade e cognição, taxonomia, tesouros e vocabulário controlado”. (CRUZ, 2010, p. 38)

Em paralelo, constata-se que todas essas funções já são parte do trabalho realizado há anos pelo bibliotecário em unidades de informação, como “trabalhar com hierarquia, categorização, fluxo da informação, facilidade de uso e acesso à informação”, a diferença sendo somente o formato que a informação está disponibilizada. (SOUZA, 2005, não paginado)

Quanto a capacidade dos bibliotecários Morville e Rosenfeld (2006, p. 19, tradução nossa) citam que eles são capazes de “lidar com as relações entre as páginas e outros elementos que formam um site” pois são profissionais com um histórico com a “organização e fornecimento de acesso às informações e são treinados para trabalhar com pesquisa, navegação e tecnologias de indexação”.

Sendo assim, o bibliotecário é capaz de atuar como Arquiteto da Informação nos ambientes informacionais digitais, pois é um profissional versátil e academicamente capacitado a selecionar, tratar, recuperar e disseminar informações independente do suporte que se encontra. Nesse caso específico uma das barreiras encontradas pelo bibliotecário é a formação

que não é tão voltada às tecnologias, mas não é um impedimento para seguir nessa linha de mercado de trabalho. (SILVA; BARRADAS, 2020)

De acordo com Uehara (2012, p. 1280) para que o bibliotecário possa atuar como um arquiteto da informação é necessário mais do que a denominação, é crucial também dar ênfase às “funções e as habilidades que o profissional desenvolve à medida que adquire novas competências, devendo alterar o seu perfil passivo para pró-ativo.” Isso é importante pois a atuação em um ambiente informacional digital exige mais dos profissionais, tanto pelas atualizações constantes e pela competitividade que domina esse mercado.

Outras habilidades desejáveis são o dinamismo, boa comunicação, visão de futuro, foco estratégico, criatividade e liderança, além de também estar constantemente em busca de atualizações sobre as tecnologias emergentes, visto que o seu trabalho como arquiteto da informação envolve o ambiente *web*. (UEHARA, 2012)

Numa perspectiva mais prática o bibliotecário que atua como Arquiteto da Informação em ambientes informacionais digitais trabalha com os pilares da AI que são os Usuários, Contexto e Conteúdo, bem como com o *design* dos ambientes *web* através do uso dos sistemas que formam a anatomia da AI que são os sistemas de organização, navegação, rotulação, busca e representação.

Os pilares da AI são essenciais para a construção de um ambiente informacional digital, pois esse processo fornece uma base sólida para o trabalho do arquiteto da informação, e é algo que envolve muita pesquisa. O intuito é conhecer ao máximo todos os aspectos que envolve o ambiente que está sendo trabalhado.

Acerca desses três elementos, Rosenfeld, Morville e Arango (2015) citam que

os usuários podem variar em suas atitudes, demografia, psicografia, tarefas e necessidades de informação, comportamentos de busca de informações e muito mais. O conteúdo pode variar em qualidade moeda, moeda, autoridade, popularidade, valor estratégico, custo e muito mais. E o contexto organizacional pode variar com base na missão, visão, objetivos, política organizacional, cultura organizacional, grau de centralização ou autonomia e muito mais. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 33, tradução nossa)

Assim, de acordo com esses autores a combinação desses três elementos consiste em “entender os objetivos do negócio por trás do projeto e os recursos disponíveis para concepção e implementação”. E, além disso, eles enfatizam que é preciso ter ciência “da natureza e do volume do conteúdo existente hoje e como isso pode mudar daqui a um ano, e devemos aprender sobre as necessidades e comportamentos de busca de informações dos usuários”. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015, p. 32, tradução nossa)

O trabalho do bibliotecário-arquiteto da informação envolve também a utilização dos sistemas da AI que são de organização, navegação, rotulação, busca e representação. Tendo como base as definições apresentadas na seção 4 dessa pesquisa é possível notar uma aproximação com o trabalho realizado pelo bibliotecário em ambientes físicos. Esses sistemas são essenciais para a formação e elaboração do *design* dos ambientes *web*, pois são eles que determinam toda a sua estrutura, o modo como é organizado e categorizado o conteúdo, a forma que o usuário irá interagir, os signos verbais e visuais utilizados, como são disponibilizados os mecanismos de busca e a maneira que tudo isso será representado.

Os Sistemas de Organização são compostos de estruturas e esquemas e através deles são definidas as características dos itens do conteúdo que gera uma influência no modo que são agrupados no ambiente web. O trabalho do bibliotecário-arquiteto da informação consiste em manusear esses esquemas e estruturas de modo que o conteúdo fique organizado e categorizado de forma coerente. Isso exige do profissional muita pesquisa, conhecimento e capacidade de entender as preferências dos usuários. A familiaridade do bibliotecário com as normas de classificação e ordenação das informações em bibliotecas o auxilia no manuseio de informações no meio digital. (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015)

Na parte que envolve os Sistemas de Navegação o profissional deve se preocupar com as formas que os usuários irão interagir com o ambiente e com o conteúdo informacional ali disposto. A preocupação do bibliotecário deve ser em manter o usuário orientado quanto ao local onde ele está, de onde ele veio e para onde pode ir. Logo, o profissional determina os possíveis caminhos que o usuário pode navegar. Assim como em ambientes físicos, o bibliotecário deve garantir a usabilidade do ambiente web, de maneira que o usuário consiga ter acesso à informação com o mínimo de cliques possíveis e tenha um bom aproveitamento do tempo de uso e acesso daquele ambiente informacional. (LUZ, 2020)

O Sistema de Rotulação é parte essencial para garantir uma boa navegação para o usuário, ela é feita por meio de elementos textuais ou ícones. Trata-se de uma etapa delicada no processo de Arquitetura da Informação, pois a linguagem é repleta de ambiguidades, sinônimos, homônimos, gírias e expressões que se modificam dependendo do contexto. O bibliotecário deve se atentar a essa etapa de modo a garantir um suporte eficiente à navegação feita pelo usuário (que não demande muito esforço da sua parte), facilitar a recuperação da informação e a navegabilidade do ambiente informacional. (LUZ, 2020)

O Sistema de Busca possibilita ao usuário a localização, recuperação e acesso às informações desejadas. Nele são estruturados os vários tipos de pesquisa que podem ser executados pelos usuários, como as perguntas que eles podem fazer e o modo que são



representadas no resultado. O papel do bibliotecário como arquiteto da informação é a criação de um sistema eficiente de busca, seja simples ou avançado, através de uma boa representação descritiva e temática das informações, auxiliando na navegação do usuário.

Por último, o Sistema de Representação exige do bibliotecário seus conhecimentos acerca da representação descritiva e temática, como também de indexação, taxonomia e vocabulário controlado. A representação da informação é essencial no ambiente digital, pois as informações são produzidas em diferentes formatos, suportes e a quantidades incalculáveis. Assim, a falta de uma boa representação pode ocasionar na falha do acesso à informação. (DUMER; SOUSA; ALBUQUERQUE, 2019)

Fica evidente que o trabalho de um bibliotecário como arquiteto da informação envolve principalmente o trabalho com o usuário e a análise das suas necessidades. Tudo é disposto e construído de modo que os ambientes sejam organizados, fáceis de acessar e navegar, com mecanismos de buscas que forneçam as respostas aos usuários e com um processo de recuperação da informação eficiente.

Assim, percebe-se que o bibliotecário possui uma familiaridade com as atividades realizadas nos ambientes informacionais digitais. Algumas das vantagens que ele traz de sua formação é a facilidade em trabalhar com as técnicas de classificação, hierarquização, indexação e organização. Isso o proporciona uma destreza para lidar com as informações disponibilizadas em sites, aplicativos e em ambientes digitais no geral. No entanto, por ter uma formação generalista o profissional deve buscar meios de se especializar nessa área, para que possa atuar como arquiteto da informação. (TEIXEIRA, 2014)

Na subseção seguinte será apresentado de forma resumida as relações observadas entre as atividades realizadas pelo bibliotecário e o arquiteto da informação.

## **5.1 Síntese dos Resultados Obtidos**

Diante do que foi apresentado ao longo da seção 5 nota-se algumas relações existentes no trabalho realizado por esses dois profissionais, com a diferença que o Bibliotecário, a princípio, tem como foco os ambientes informacionais físicos e o Arquiteto da Informação, o digital. Todavia, é importante ressaltar que atualmente o trabalho do Bibliotecário no gerenciamento dos ambientes informacionais físicos também envolve o manuseio da internet, dos sistemas de informação e das tecnologias em geral, assim as TIC não estão distantes da prática da profissão. Assim, considerando as relações que eles compartilham entre si abre-se

margem para a discussão sobre a atuação do Bibliotecário no mercado de trabalho no ambiente digital como Arquiteto da Informação.

Desse modo, tendo em vista todos os aspectos que foram apontados anteriormente torna-se relevante reunir de forma sucinta as relações entre esses dois profissionais, que consta no quadro 1 que segue:

**Quadro 1 – Relações das atividades desempenhadas pelo Bibliotecário e Arquiteto da Informação**

Relações das atividades desempenhadas pelo Bibliotecário e Arquiteto da Informação
Estudo dos usuários e análise de suas necessidades
Estudo do conteúdo informacional e conteúdo a ser trabalhado
Organização da Informação – envolve trabalhar com a hierarquia e categorização em ambientes informacionais.
Navegação pelo ambiente informacional – preocupa-se com a interação do usuário e do conteúdo disponibilizado. Tem como objetivo fazer com que o usuário não se perca diante do volume informacional.
Rotulação da informação – classificação dos documentos/informações disponibilizados, e utilização de rótulos textuais ou não textuais (ícones) para representar a informação.
Busca da informação – está diretamente ligado à parte de rotulação pois é relacionada às informações armazenadas no sistema da biblioteca ou <i>website</i> . Envolve dar ao usuário a oportunidade de ter acesso rápido e eficaz às informações.
Representação da informação – descrição adequada dos diferentes tipos de conteúdo disponibilizados. Utilização dos conhecimentos de representação descritiva e temática, como também de indexação, taxonomia e vocabulário controlado

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Em síntese, fica evidente que o trabalho realizado por esses dois profissionais se assemelha em diversos aspectos. Ambos prezam pela organização da informação, trabalham com os recursos necessários para auxiliar o usuário na busca pela informação, se preocupam com a maneira que ela está disponibilizada e é representada e, principalmente, são profissionais que realizam o trabalho com foco no usuário. (BRANDÃO, 2020)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bibliotecário é o profissional responsável por trabalhar com informação, sendo um mediador entre ela e os usuários. O seu mercado de trabalho é normalmente relacionado a ambientes informacionais físicos como as bibliotecas, os centros de documentações, os arquivos e outros. Com a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na sociedade a atuação do profissional passou por transformações, que vão desde o uso das TIC como facilitadores no trabalho em ambientes informacionais físicos, até a ampliação da sua atuação no mercado de trabalho.

Tendo isso em vista, essa pesquisa buscou compreender de que modo o bibliotecário poderia explorar essa ampliação quanto a sua atuação no mercado de trabalho, que no contexto tecnológico envolve a atuação do bibliotecário como Arquiteto da Informação em ambientes informacionais digitais.

O objetivo principal dessa pesquisa foi atingido integralmente, tendo como base a pesquisa bibliográfica realizada. A partir das leituras realizadas chegou-se a conclusão que os profissionais citados possuem relações entre si, principalmente nas atividades que ambos desempenham. E com isso o bibliotecário pode atuar como arquiteto da informação, pois possui a destreza para lidar com informações e usuários em seus variados meios. Porém, por possuir uma formação mais generalista é necessário a busca por especializações na área de Arquitetura da Informação.

Os objetivos específicos também foram elaborados mediante pesquisa bibliográfica, por intermédio de livros, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações e materiais publicados na internet. A pesquisa bibliográfica foi essencial para a construção desse trabalho, visto que foi através desses materiais que foi possível estabelecer um contato direto com as publicações e autores mais relevantes das áreas abordadas.

O primeiro objetivo específico consistiu em uma análise das transformações que o bibliotecário passou ao longo dos séculos XX e XXI, com o intuito de compreender aspectos sobre o mercado de trabalho do profissional e como evoluiu ao longo do tempo.

O segundo objetivo específico teve como foco entender os conceitos teóricos da Arquitetura da Informação e suas abordagens, principalmente a abordagem informacional que orienta parte dos estudos relacionados a AI e é diretamente relacionado com a Ciência da Informação e a Biblioteconomia.

Já o terceiro objetivo específico teve como intuito trazer informações sobre esses dois profissionais, suas funções e estabelecer as relações entre as atividades desempenhadas por eles.

E a partir disso foi possível discutir de que modo o Bibliotecário pode exercer a função de Arquiteto da Informação em ambientes informacionais digitais.

Desse modo, ficou explícito o quão o mercado de trabalho para o bibliotecário é amplo. Sua atuação não é limitada aos espaços tradicionais, pois a formação básica fornece os conhecimentos essenciais para trabalhar com a informação, bem como os meios de organizar e disponibilizar aos usuários de forma simples e eficaz. E assim o bibliotecário tem espaço para levar esses conhecimentos para as áreas de atuação não tradicionais, como os ambientes informacionais digitais, atuando como Arquiteto da Informação.

Para cumprir essa função no mercado de trabalho o bibliotecário deve se adequar a uma realidade que abarca um ambiente tecnológico e competitivo. Isso exige dele, além de especializações na área, o desenvolvimento de algumas habilidades e competências que os tornem aptos a trabalhar com a informação e os usuários num contexto que requer o domínio das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Por último, sugere-se a continuidade desse trabalho por meio de pesquisas futuras que tenham como objetivo investigar em que lugares os bibliotecários estão atuando como arquitetos da informação.

## REFERÊNCIAS

- AGNER, Luiz. **Ergodesign e arquitetura de informação: trabalhando com o usuário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.
- ALBUQUERQUE, Alfram Roberto Rodrigues; LIMA-MARQUES, Mamede. Sobre os fundamentos da Arquitetura da Informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 1, p. 60-72, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/10827>. Acesso em: 6 ago. 2021.
- ALCANTARA, Rayssa dos Santos Egea. **Profissional da informação: novas perspectivas no mercado de trabalho para o bibliotecário**. 2017. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2017. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/15947>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de; BAPTISTA, Sofia Galvão. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional. **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação**, Florianópolis, jul. 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1508>. Acesso em 27 jul. 2021.
- AMARO, Bianca. O bibliotecário e o seu relacionamento com a tecnologia. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.). **Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade**. Brasília: Ipea, 2018. p. 83-96.
- ASSIS, Tainá Batista de. Perfil Profissional do Bibliotecário: Atual e Desejado. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.). **Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade**. Brasília: Ipea, 2018. p. 13-31.
- BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, Cultura Y Sociedad**, Buenos Aires, nº 12, p. 35-50, 2005. Disponível: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/976/2/ARTIGO\\_ConsideracoesMercadoTrabalhoBibliotecario.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/976/2/ARTIGO_ConsideracoesMercadoTrabalhoBibliotecario.pdf). Acesso em: 2 ago. 2021.
- BORBA, Rodrigo José Vasconcelos. **Design de Experiência do Usuário: uma abordagem na Ciência da Informação**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34950>. Acesso em: 23 nov. 2021.
- BRANDÃO, Cassiano. **O bibliotecário como arquiteto da informação: habilidades correlacionadas encontradas em ambos profissionais que são ensinadas durante a graduação de biblioteconomia, em universidades da região sul do Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/218826>. Acesso em: 10 out. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília: Congresso Nacional, 1962. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/14084.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/14084.htm). Acesso em 28 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CES 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 jul. 2001, Seção 1e, p. 50. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2021.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília, DF: Ministério do Trabalho e Emprego, 2010. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/CLASSIFICA%C3%87%C3%83O-BRASILEIRA-DE-OCUPA%C3%87%C3%95ES-MEC.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

BRESSANE, Julia Miranda; CUNHA, Miriam Vieira da. A profissão de bibliotecário: competências demandadas por um mercado em transformação. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Colômbia, v. 34, n. 3, p. 329-333, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-09762011000300007](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762011000300007). Acesso em 29 jul. 2021.

CAMARGO, Liriane Soares de Araújo de; VIDOTTI, Silvana Ap. Borseti Gregório. Arquitetura da informação para biblioteca digital personalizável 10.5007/1518-2924.2006v11nesp1p103. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. esp. 1. sem., p. 103-118, 2006. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/91653>. Acesso em: 7 jul. 2021.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CRUZ, Marcleanne Rocha da. **Arquitetura da Informação: uma proposta preliminar de reestruturação para o website do Nut-Seca**. 2010. 68 f. Monografia (Bacharelado) - Curso de Graduação em Biblioteconomia, Departamento de Biblioteconomia, UFRN, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39926>. Acesso em: 27 nov. 2021.

DUMER, Luciana; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira de; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. Estruturas de Representação da Informação e seu apoio à Arquitetura da Informação na web: um olhar sobre vocabulários controlados, tesouros e metadados. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 24, n. 54, p. 38-51, 2019. DOI: 10.5007/1518-2924.2019v24n54p38. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019v24n54p38>. Acesso em: 22 ago. 2021.

FALCÃO JÚNIOR, Marcos Antônio Gomes. O perfil do arquiteto da informação na web da região nordeste: oportunidades e desafios para profissionais da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/81250>. Acesso em: 27 nov. 2021.

FARIA, Ana Carolina Cintra. **A inserção do bibliotecário no mercado de trabalho: fatores de influência e competências**. 2015. 133 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18871>. Acesso em: 2 ago. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, v. 9, n. 1, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/21356>. Acesso em: 28 jul. 2021.

LUZ, Charley dos Santos. **Arquitetura da Informação: do conteúdo à experiência do usuário**. São Paulo: Feed Consultoria, 2020.

LUZ, Charley dos Santos. O entorno digital da biblioteca online: relação da interface e da usabilidade. **Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)**, n. 9, p. 3-11, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/67775>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MACEDO, Flávia Lacerda Oliveira de. **Arquitetura da informação: aspectos epistemológicos, científicos e práticos**. 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35858>. Acesso em: 9 ago. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MORVILLE, Peter; ROSENFELD, Louis. **Information Architecture for the World Wide Web**. 3. ed. Canadá: O'Reilly Media, 2006.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Arquitetura da informação pervasiva: contribuições conceituais**. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110387>. Acesso em: 5 ago. 2021.

PADUA, Mariana Cantisani; DIAS, Guilherme Ataíde; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira de. **Conectando os Paradigmas da Ciência da Informação com a Arquitetura da Informação Pervasiva e a Experiência do Usuário**. 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/17804089/CONNECTANDO\\_OS\\_PARADIGMAS\\_DA\\_CIENCIA\\_DA\\_INFORMACAO\\_COM\\_A\\_ARQUITETURA\\_DA\\_INFORMACAO\\_PERVASIVA\\_E\\_A\\_EXPERIENCIA\\_DO\\_USUARIO](https://www.academia.edu/17804089/CONNECTANDO_OS_PARADIGMAS_DA_CIENCIA_DA_INFORMACAO_COM_A_ARQUITETURA_DA_INFORMACAO_PERVASIVA_E_A_EXPERIENCIA_DO_USUARIO). Acesso em: 23 dez. 2021.

PINTO, Virginia Bentes; RABELO, Camila Regina de Oliveira; GIRÃO, Igor Peixoto Torres; RAULINO NETO, Francisco Hilton Rodrigues. A percepção dos profissionais e dos estudantes de biblioteconomia acerca da práxis do arquiteto da informação. **Revista Folha de Rosto**, v. 1, n. 2, p. 17-28, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/39742>. Acesso em: 16 ago. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Emani Cesar de. **Método do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*.

REIS, Guilherme Almeida dos. **Centrando a Arquitetura de Informação no usuário**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-23042007-141926/pt-br.php>. Acesso em 5 ago. 2021.



ROBREDO, Jaime. Sobre Arquitetura da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 115–137, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/86910>. Acesso em: 27 nov. 2021.

RODRIGUES, Agostinha Maria; SILVA, Márcio Bezerra da. Estudo investigativo sobre o perfil do arquiteto da informação centrado na representação e organização da informação. In: Encuentro Ibérico EDICIC, 7., Madrid. **Anais...** Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2015. p. 1-11. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/47956>. Acesso em: 29 nov. 2021.

RONDA LEÓN, Rodrigo. Arquitectura de Información: análisis histórico-conceptual. **No Solo Usabilidad**, n. 7, 2008. Disponível em: [http://www.nosolousabilidad.com/articulos/historia\\_arquitectura\\_informacion.htm](http://www.nosolousabilidad.com/articulos/historia_arquitectura_informacion.htm). Acesso em 5 ago. 2021.

ROSENFELD, Louis; MORVILLE, Peter; ARANGO, Jorge. **Information Architecture: for the web and beyond**. 4. ed. Canadá: O’reilly Media, 2015.

SÁ, Maria Irene da Fonseca e; CAIRES, Beatriz Mattos. Arquitetura de Informação: estudo de caso voltado ao perfil do profissional de informação. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 19., 2016, Manaus/AM. **Evento [...]**. Manaus/AM: Repositório – FEBAB, 2016. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4410>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SANTA ANNA, Jorge. Biblioteconomia e ciência da informação e os limites da interdisciplinaridade: fomentando práticas profissionais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 2-26, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/307>. Acesso em: 9 ago. 2021.

SANTOS, Raimunda Fernanda dos; SILVA, Eliane Ferreira da. O bibliotecário como arquiteto da informação: os desafios e as novas abordagens no hodierno contexto. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/67965>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SILVA, Allan David Nunes da; BARRADAS, Jaqueline Santos. Atuação biblioteconômica no e-commerce. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 9, n. 1, p. 01-27, jan./jun. 2020. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/140497>. Acesso em: 2 ago. 2021.

SILVA, Rubia Luiza da. **A importância do bibliotecário no desenvolvimento de websites de comércio eletrônico**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/12112>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SILVA, Zayr Cláudio Gomes da. **Produção interdisciplinar na Ciência da Informação: abordagem nos Domínios da Arquitetura da Informação**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8850>. Acesso em: 5 ago. 2021.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “moderno profissional da informação”. **Informação & Sociedade: Estudos**,

v. 18, n. 3, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92971>. Acesso em: 31 jul. 2021.

SOUZA, Katyusha Madureira Loures de. Mercado de Trabalho do Bibliotecário do Século XXI. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (org.). **Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade**. Brasília: Ipea, 2018. p. 83-96. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8678>. Acesso em: 2 ago. 2021.

SOUZA, Katyusha. Bibliotecário é arquiteto da informação, sabia?. **Webinsider**, 2005. Disponível em: <https://webinsider.com.br/bibliotecario-e-arquiteto-da-informacao-sabia/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

TEIXEIRA, Fabrício. A visão de uma bibliotecária infiltrada em UX. **UX Collective Brasil**, 2014. Disponível em: <https://brasil.uxdesign.cc/a-vis%C3%A3o-de-uma-bibliotec%C3%A1ria-infiltrada-em-ux-2391e78deb80>. Acesso em: 8 jan. 2022.

TRICHES, Marcos César.; PALETTA, Francisco Carlos. Análise das demandas do mercado de trabalho do profissional bibliotecário. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp. CBBB 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1049/955>. Acesso em: 2 ago. 2021.

UEHARA, Bárbara. O Bibliotecário como Arquiteto da Informação. In: SNBU - Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2012, Gramado/RS. **Evento** [...]. Gramado: UFRGS, 2012, p. 1273-1287. Disponível em: [http://repositorio.febab.org.br/files/original/49/5970/SNBU2012\\_109.pdf](http://repositorio.febab.org.br/files/original/49/5970/SNBU2012_109.pdf). Acesso em: 3 jan. 2022.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 16-28, 2000. DOI: 10.5007/1518-2924.2000v5n9p16. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2000v5n9p16>. Acesso em: 31 jul. 2021.